

**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SABERES
E FAZERES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS**

PATRICIA BRAZ DOS PASSOS

**A EXPERIÊNCIA DO ATO CRIADOR A PARTIR
DA CONSTRUÇÃO DO CADERNO DE ARTISTA**

Rio de Janeiro
2021

Patricia Braz dos Passos

**A EXPERIÊNCIA DO ATO CRIADOR A PARTIR DA
CONSTRUÇÃO DO CADERNO DE ARTISTA**

Monografia Reduzida apresentada ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Prof(a). Mestra Raquel Teixeira de Souza

Rio de Janeiro
2021

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

P289 Passos, Patricia Braz dos

A experiência do ato criador a partir da construção do caderno de artista / Patricia Braz dos Passos. – Rio de Janeiro, 2021.

41 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Raquel Teixeira de Souza

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Cartografia. 3. Criação (Literária, artística, etc.). 4. Experiência. I. Souza, Raquel Teixeira de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

Patricia Braz dos Passos

**A EXPERIÊNCIA DO ATO CRIADOR A PARTIR DA
CONSTRUÇÃO DO CADERNO DE ARTISTA**

Monografia Reduzida apresentada ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: ____/____/____.

Professora Mestre Raquel Teixeira de Souza (Orientadora)
SFEAV - Colégio Pedro II

Professora Mestre Maria Lia Gautério (Titular)
SFEAV - Colégio Pedro II

Professor Doutor Raphael Fonseca (Titular)
DAV - Colégio Pedro II

Professora Doutora Janaína Laport Bêta (Suplente)
SFEAV - Colégio Pedro II

Professora Mestre Ana Claudia Menezes (Suplente)
DAV - Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2021

A todos os amigos-professores-artistas do curso
de Especialização Saberes e Fazeres (2019).

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço os caminhos que me direcionaram até onde estou hoje. A Arte me presenteia diariamente, seja através da contemplação, da reflexão, dos estudos, pesquisas e encontros proporcionados por ela.

Agradeço à minha família, que sempre me apoia e que contribuiu muitíssimo em minha formação para que eu pudesse alcançar patamares sempre maiores. Uma homenagem especial a duas pessoas muito fortes que perdi recentemente devido a problemas de saúde: Vovó Romilda e Tia Helena. Tive a sorte de ter muitas mães na minha família que me nutriam artisticamente, e estas duas continuam sendo, agora em outro plano. Aproveito também para agradecer minha Mãe, Tia, irmã e sobrinha por suportarem todos os obstáculos vivenciados nessa trajetória recente que atravessamos. Obrigada pelo amparo, incentivo e por acreditarem junto comigo.

Agradeço à Pós Saberes e Fazeres que me direcionou ao fazer do Caderno de Artista e que agora será uma prática viva em minha trajetória. Minha eterna gratidão a toda família-equipe que cativamos ao longo das aulas presenciais e externas. Amigos de turma e professores, vocês são pessoas incríveis! Muito feliz e confortante saber que existem pessoas com as quais podemos compartilhar nossas expectativas, planos e anseios artísticos. Aqueles seres que falam fluentemente a nossa língua-arte. Que possamos regar a alegria que tínhamos nos encontros de todos os sábados do ano de 2019.

Agradecer especialmente aos professores que nos receberam de braços abertos após o percurso envolvendo toda a pandemia. Gratidão por nos incentivarem a finalizar essa etapa de formação em nossas vidas. Obrigada pelo carinho, cuidado e comprometimento que sempre expressaram.

Agradeço à minha orientadora Professora Raquel Teixeira, que me incentivou ainda mais nessa reta final de conclusão de curso. Por toda empolgação compartilhada nos encontros on-line quando confabulávamos ideias de escrita-fazer-poética. Aproveito para estender esse afeto a todos os membros da banca que aceitaram o convite em participar da avaliação desse presente trabalho.

Agradeço à Professora e incansável Coordenadora da Especialização Maria Lia Gautério que nos abraçava pelo olhar e procurava de todas as formas auxiliar nosso processo e desenvolvimento, sempre nos incentivando a vencer obstáculos e adversidades. Estendo esse reconhecimento e gratidão à minha querida professora e amiga Eliane Mattozo, que compartilha comigo seu fazer pedagógico e artístico desde o ano de 2012, quando realizei o estágio da graduação no campus São Cristóvão I, do Colégio Pedro II. Obrigada por insistir que eu

vencesse todo o cansaço da semana e fizesse mais esse curso, acrescentando ricamente experiências no meu caminhar na Arte-educação.

E por último, não posso deixar de agradecer à minha amiga Débora Cavalcanti que esteve comigo também no Programa de Residência Docente em 2017/2018 e aceitou a loucura de embarcar consecutivamente em mais uma etapa de formação da vida-Arte! Gratidão pela amizade, parceria, sabedoria, risadas e incentivo!

Professoras e Professores Alexandre, Analu, Carine, Ed, Eliane, Eloísa, Greice, Janaína, Lia, Raquel, Rosiane, Shannon e Vivi. E também amigas e amigos de turma Alex, André, Andréia, Andreza, Bárbara, Caroline, Débora, Fernanda, Hilário, Ingrid (*in memoriam*), Jaqueline, Mariana, Natália, Vanessa, Vânia, Vivilane e Thaís,

VOCÊS FAZEM PARTE DESSE PROCESSO! Gratidão a todos!

*Eu me crio com um traço de pena
Mestre do Mundo,
Homem ilimitado.*

Pierre Albert-Birot

RESUMO

PASSOS, Patricia Braz dos. **A Experiência do Ato Criador a Partir da Construção do Caderno de Artista**. 2021. Monografia reduzida (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2021.

Este trabalho busca apresentar o caderno/livro de artista como objeto da pesquisa perante seu processo de confecção no transcurso da Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais do Colégio Pedro II. Desta forma, vem frisar a importância do ato criador e expor a experiência vivenciada ao longo da construção de conhecimento deste saber-fazer, tendo como aporte teórico a autora, artista e educadora Edith Derdyk. Tem como metodologia de pesquisa a *cartografia*, de maneira a tornar o todo mais flexível, desmontável e reorganizável. Pretende, enquanto produto artístico pedagógico, ser ferramenta de consulta e inspiração para outros artistas-pesquisadores de maneira a incentivar essa prática, como possibilidade de defesa formal de curso através da linguagem artística.

Palavras-chave: Caderno de Artista. Experiência. Ato Criador. Cartografia.

ABSTRACT

PASSOS, Patricia Braz dos. **A Experiência do Ato Criador a Partir da Construção do Caderno de Artista**. 2021. Monografia reduzida (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2021.

This work seeks to present the artist's notebook/book as an object of research, based on its production process during the Specialization course in Visual Arts "Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais do Colégio Pedro II". Thus, it emphasizes the importance of the creative act and exposes the experience lived throughout the construction of knowledge of this "know-and-make", based on the author, artist and educator Edith Derdyk. The methodology research is the Cartography, in order to make the whole more flexible, detachable and rearrangeable. It is intended to be, as a reduced monograph, a query tool and an inspiration to other artist-researchers in order to encourage this practice, as a possibility of normal defense of the course through artistic language.

Keywords: Artist's Notebook. Experience. Creative Act. Cartography.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Anuário	17
Imagem 2 – Capa do Caderno de Artista	17
Imagem 3 – Carta aberta	18
Imagem 4 – Trilhando novos caminhos	19
Imagem 5 – Ciranda	21
Imagem 6 – Quadro de horários	22
Imagem 7 – Colagem Florescer	23
Imagem 8 – Infinitivo Ser	24
Imagem 9 – Espelho, espelho meu	25
Imagem 10 – Eu museu	26
Imagem 11 – Arte todo dia	27
Imagem 12 – Chuvisco	28
Imagem 13 – Nutrir-se	30
Imagem 14 – Tecendo a vida	31
Imagem 15 – Adinkra I	32
Imagem 16 – Adinkra II	32
Imagem 17 – Texturas	33
Imagem 18 – Ansiedade	35
Imagem 19 – Brasilidades	36
Imagem 20 – Voo	38

SUMÁRIO

1 MAPA NA MÃO, PERCURSO A FRENTE	12
2 EXPERIENÇAR O LANÇAR-SE.....	15
3 CAMINHAR COMPARTILHADO	21
3.1 Cartografar possibilidades.....	24
4 A BAGAGEM E A VIAGEM.....	30
4.1 Re-descobrir	34
5 O REORGANIZAR DE NOVOS PROCESSOS	37
REFERÊNCIAS	39
APENDICE A – LINKS PARA ACESSO AO CADERNO DE ARTISTA	41

1 MAPA NA MÃO, PERCURSO A FRENTE

O presente trabalho nasce da proposta trazida pelos professores do curso de especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais do Colégio Pedro II, em sua aula inaugural, realizada no dia 23 de março, do ano de 2019. Neste sábado, os alunos foram recepcionados pela equipe de professores do curso que realizou uma atividade de experimentação poética e ao mesmo tempo uma dinâmica de apresentação através de cartas redigidas por eles próprios - este fato se deu porque em nosso processo seletivo, uma das questões deveria ser respondida nesse formato de texto. Após a leitura, fomos presenteados pela presença de Leila Danziger, artista, poeta e professora do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) que apresentou alguns de seus trabalhos acerca dos temas direitos humanos, memória, identidade, apagamentos e violações.

Na tarde deste mesmo dia, fomos conduzidos à sala onde nossas aulas seriam realizadas. Conversamos sobre a distribuição das disciplinas, a carga horária do curso, bem como nossas expectativas diante desse novo passo em nossa jornada acadêmica. Por último tivemos um primeiro contato com a prática do caderno de artista e o compromisso de irmos nutrindo-o ao longo das aulas. Me refiro como “por último” dentro da ordem cronológica da programação do dia, mas tudo está inserido na prática desse saber e fazer uma vez que todos os detalhes, observações, poesias e registros contribuem para o seu criar-alimentar.

Além de um trabalho criativo, que mais a frente seria apresentado e avaliado em um dos módulos de disciplinas, estabeleci com o caderno em construção uma relação de afeto e por esse motivo defendo-o hoje como objeto/sujeito da pesquisa. Algumas vezes em folha simples, outras em folhas duplas, sua confecção/estruturação bem como um discurso visual e poético começou a surgir, mesclando registros particulares e artísticos, na conexão de ideias compartilhadas e pinçadas no transcorrer dessa jornada. As técnicas trabalhadas foram mistas, mas de uma maneira geral a fotografia, o recorte e a colagem se destacam por ser o universo com o qual mais me identifico.

O campo em que o trabalho é tecido é o das Artes Visuais, mas desde muito cedo estive em contato com a Arte, enquanto área de múltiplas expressões, não de maneira profissional, mas por afinidade. Por intermédio da família frequentei desde criança

teatros, espetáculos de dança, música e exposições, a interferência dos estímulos advindos desses lugares, assim como dos círculos de amizade, me conduziu à graduação na Escola de Belas Artes, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ). Através do percurso formativo na licenciatura o saber-fazer-ser das artes cresce e se multiplica a cada dia no contato com meus alunos, movimento do encantar-se diário em ações dentro e fora da escola. Por uma necessidade artística, me divido entre muitas formas de expressão dando continuidade a ampliação/busca arteira, seja por meio da fotografia, do desenho ou da música, tocando flauta e violino, compondo vínculos entre as linguagens da Arte, inventariando criações e novos olhares. Portanto, durante a escrita encontrarão diferentes formas de escrita. Arte quando a menciono enquanto área do saber, Artes Visuais enquanto campo desta área e ainda artes, quando trato da integração entre campos da Arte.

O corpo teórico que alicerça todo o trabalho de conclusão se compõe por intermediação de três estudiosos de maneira a estabelecer uma ideia que dialoga, soma e se conecta: Edith Derdyk, artista, escritora, ilustradora e arte-educadora que defende em, e através de, sua poética a sensibilidade do ato criador presente nas ações, tensões e conversas que por sua vez são proporcionadas pela arte; Jorge Larrosa, professor Doutor da Universidade de Barcelona, tecendo notas acerca da experiência e por último, o filósofo francês, Gaston Bachelard e sua “Poética do Espaço”. Discursos que se completam e se tornam presentes durante todo o processo de elaboração da prática caderno de artista.

Teoria e prática dançam e tecem bordaduras ao longo do trabalho aqui apresentado. Todas as imagens são páginas desse caderno, que por ora não aparecerá aqui por completo, mas que o leitor terá acesso a partir do *hiperlink* gerado e disponibilizado no apêndice. Através desse recurso todas as páginas estarão dispostas em arquivo [PDF](#), digitalizadas uma a uma e também na versão em formato de [vídeo](#), onde folheio o caderno de maneira a expor a obra realizada.

Considero essa especialização, desenvolvida e realizada para professores de Artes Visuais, a oportunidade de legitimar a defesa de uma outra possibilidade de formato de apresentação, partindo da experiência que tive e da poética construída durante todo esse processo com o caderno de artista. Os anos passam, as regras se atualizam, mas ainda não vemos espaço para o discurso artístico dentro dos modelos formais exigidos para a conclusão de curso. Por último, tem como metodologia de pesquisa a *cartografia*, de maneira a tornar o todo mais flexível, desmontável e reorganizável. Não há um início e

fim, mas sim um processo que se alimenta e tece novos trilhares a cada manusear deste caderno de artista.

2 EXPERIENÇAR O LANÇAR-SE

Os fazeres que geraram o que hoje discuto e apresento se deram através de um processo, que é rememorado, reinterpretado, quase num coletivo de recortes de experiências, compondo um todo que conversa visualmente. Essa gestação inquieta surgiu durante o curso de pós-graduação em Ensino de Artes Visuais: a de querer e poder expressar a vivência do percurso através de visualidades, como oportunidade de diálogo com algumas linguagens artísticas.

Durante todo o curso de especialização realizado semanalmente de forma presencial no ano de 2019, constituí com a sala em que aconteceu grande parte das aulas, bem como com todas as pessoas que compartilhamos os encontros, o sentimento de estar em casa. Aquinhoamos uma experiência única, tamanha foi a sintonia estabelecida com todos desde o primeiro dia. Dialogávamos de igual para igual, sendo professores-pesquisadores de Artes Visuais e estávamos, em maioria, no ambiente já pertencente ao nosso fazer-estar diário: a escola. Por mais diversas que estas fossem, bem como os segmentos da educação básica que atendíamos, as estruturas educacionais, a localização geográfica e a diversidade de realidades que tínhamos contato onde lecionávamos, tudo nos aproximava naturalmente àquele universo-casa. Nós, moradores dessa casa, companheiros de turma, dividimos todos os momentos, curiosidades, problemas e expectativas. Cada momento um acontecimento, reverberado em matéria-página do caderno de artista.

O caderno de artista que hoje apresento e defendo como potência de um trabalho de conclusão de curso, é um processo que teve princípio fisicamente na aula inaugural dessa casa a ser habitada, quando então a turma foi recepcionada. Faço referência às páginas propriamente ditas, uma vez que no dia 23 de março do ano de 2019, demos o primeiro passo e colocamos em prática o nosso fazer artístico, a partir da confecção de uma das suas páginas expansivas. A bagagem trazida para essa casa também comporia material para esse recém-fazer artístico, assim como cada olhar, impressão, recorte, palavra e possibilidades que surgissem ao longo desse trilhar.

Nesse itinerário de possíveis, diversos e combináveis, me deparei com a *cartografia* como metodologia de pesquisa. A ideia de um processo retilíneo sempre foi questionada por mim dentro dos fazeres das Artes Visuais. Conduzida a sempre acertar,

a Arte me possibilitou experimentar, intercambiar perspectivas, traçar conexões entre os mais diversos assuntos, reorganizar e tecer relações entre pensamentos ou diretrizes. Nesse aspecto, ao deparar com diferentes metodologias de pesquisa refleti acerca de algo muito bem determinável, onde moldamos nosso fazer dentro de um padrão já pré-estabelecido, desrespeitando de certa forma percursos possíveis diante a ação de calar vozes latentes ou desejáveis para então sermos aceitos dentro de algum grupamento, núcleo ou reconhecimento.

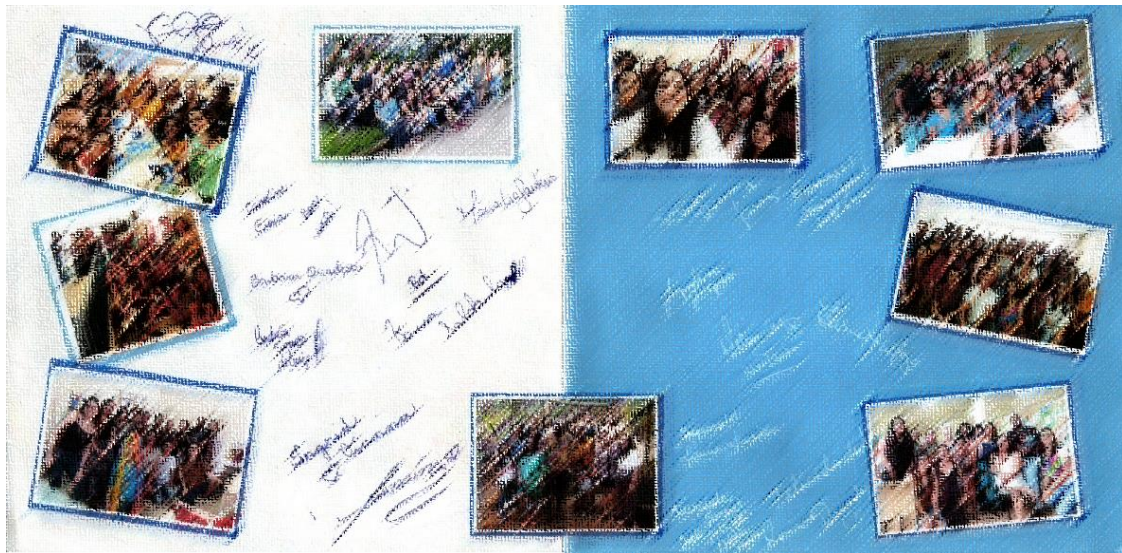
Jorge Larrosa Bondía (2003), professor na Universidade de Barcelona e doutor em Filosofia da Educação, acerca da escrita acadêmica, diz que o trabalho na academia é basicamente um trabalho com palavras. A partir de então indagava-me, se tratando de especialização de ensino em Artes Visuais, por que não um trabalho com imagens? Dessa forma o sujeito de minha pesquisa torna-se o caderno de artista. Não nascendo a partir de uma escrita, tal como a ilustração, carecendo de um texto, mas se fez no oposto, dando voz-forma a um fazer ainda embrionário, intuitivo, porém, investigativo-criativo, fazer de artista.

Segundo Edith Derdyk (2013, p. 12), artista plástica, arte-educadora e ilustradora, o livro de artista

é, essencialmente, um espaço poético do “aqui do onde” e do “agora do quando”. Isso quer dizer que no livro de artista o “suporte” é a temporalidade que se atualiza a cada instante em que o livro é lido, visto, tocado, manuseado. E assim o tal “suporte” deixa de suportar depósitos gráficos para ser uma superfície extensiva, folhas “quase cinema”, um campo de aterrissagem para sinais transitivos, com alta voltagem poética.

O “aqui do onde”, interpretado como a origem dessa pesquisa, deu-se dos encontros, trocas, sorrisos, dúvidas e descobertas proporcionadas aos sábados do ano de 2019, no curso de especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais do Colégio Pedro II. Neste, reuniam-se estudantes-professores e professores-estudantes, curiosos, criativos, comprometidos e empenhados a retronutrirem-se em cada encontro, potencializando o ensino-aprendizagem, o fazer docente, ou seja, a *práxis* artístico-educativa.

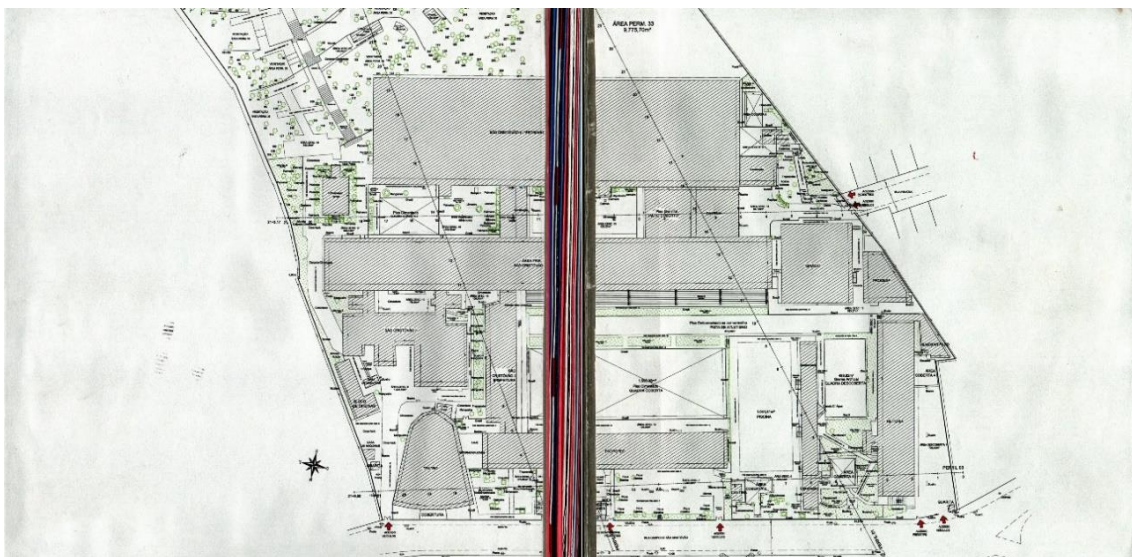
Imagem 1 – Anuário



Fonte: A autora, 2021.

Reunião mais do que de colegas, mas daqueles e daquelas que dialogam a sua língua-mãe: Arte. Que compartilham momentos, sorrisos, reflexões e possibilidades mil! Que compartilham uma ideia e sentem que aquele ao seu redor compreende e soma, com tantas outras, sem indagar ou expressar outro ar que não seja a empolgação, comprometimento, segurança. Regamos amizades, saboreamos sábados com cheirinho de café da manhã, cooperamos em projetos e incentivamos um e todos a cada dia. Ser parte dessa Casa-Curso com pessoas enormes, ao mesmo tempo tão simples, é motivo para orgulhar-me.

Imagem 2 - Capa do Caderno de Artista



Fonte: A autora, 2021.

O “agora do quando”, acontece no enquanto, em gerúndio: um processo de recomeços, conexões e geração de reflexões perante aquele que o toca/lê/analisa/constrói, entre algo já criado e ao mesmo tempo ressignificado em outros instantes. Acontece no momento que compartilho o meu pensar, tencionando legitimar minha fala de artista professora, através de texto, mas também de impressões visuais pertinentes ao fazer-pensar das artes. Um refazer-se contínuo, um rompimento de padrão em intercâmbio de processos que tem o desejo e a determinação de legitimar o meu fazer poético: o entrelaçamento da pesquisa, produção artística e pedagógica em corpo formal, como potência de trabalho, fala, pertencimento e ação. Neste contexto, o meu ‘espaço poético’, o caderno de artista, o diário de bordo, proposto na aula inaugural do Curso, é, além de lugar investigativo-inventivo, um espaço de problematizações.

Imagem 3 - Carta aberta



Nesse processo de trajetórias e escrita-construção, me deparei com uma nova possibilidade de criação e fusão, combinando a força do corpo visual já desenvolvido, com a escrita poética de palavras-imagem que hora dialogam, completam ou acrescentam poder de fala ao caderno. Em algumas páginas, optei por agregar à imagem esses pequenos-grandes textos destacando a grafia em formato itálico. Tenho o caderno como a própria experiência, uma vez que foi vivido, gestado, pensado, exposto pelo atravessamento de acontecimentos. Justificá-lo em uma formatação padrão torna-se um desafio a ser superado. Eis a etapa mais difícil: bordar e alinhar conhecimentos. A escolha pela *cartografia*, enquanto método de pesquisa, foi a melhor maneira encontrada para dialogar, escrever/desenhar este fazer.

A partir de um estudo amplamente debatido e refletido ao longo de três anos por um grupo de professores e estudantes de universidades do Rio de Janeiro - sendo os organizadores da pesquisa os doutores em Psicologia Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliane da Escóssia - acerca das ideias de Deleuze e Guattari, foram apresentadas dez pistas do que seria o método cartográfico de pesquisa. Muito diferente de um alicerce sem fundamentos ou realizado com ajuda de materiais duvidáveis, a metodologia destacada ressignifica a rigidez de um processo de estudo, proporcionando ao mesmo tempo qualidade de aprofundamento ao valorizar o transcurso natural e dinâmico do fazer. “As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa”. (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009, p.13).

Imagem 4 - Trilhando novos caminhos



Fonte: A autora, 2021.

Lanterna na mão e infinidade de trajetos. Você tece passos. Borda caminhos. Trama combinações entre linhas. Costura conexões. Emenda desejos. Alinhava consertos. Desfaz e refaz pontos. Recorta contornos. Tinge o que por hora não te satisfaz. Então descobre que tem o poder de agregar, quadradinho por quadradinho, tal como uma colcha de retalhos. Da escuridão, encontra cores, sons, texturas, combinações e variações que agregam sentido, conforto, mas ao mesmo tempo buscas infindáveis que permitem o encantamento.

Conhecer é como andar em expedição lendo um mapa. Traçamos conexões enquanto lemos, fazendo o nosso próprio trajeto/território nesse caminhar, desvendamos os mapas confeccionados por outros, relacionando, transformando ou criando símbolos, coordenadas e proporções nessa experiência.

3 CAMINHAR COMPARTILHADO

Derdyk apresenta a amplitude do alcance das folhas, páginas e riqueza de devaneios que o livro de artista oferece ao se referir a este território como uma superfície extensiva. Ao deparar com essa expressão tracei conexão com a casa-curso em que “habitamos” e o autor Gaston Bachelard, filósofo francês. Em seu ensaio *A Poética do Espaço* (2008), traz à casa a condição de proteção ao sonhador. É na relação de abrigo, segurança e aconchego com este ambiente que ele tece seu estudo dentro da fenomenologia, o qual não irei me aprofundar aqui, mas se trata de um modo de pensamento filosófico a refletir e estudar experiências vividas a partir da consciência e que devem ser analisados em seus próprios fenômenos. Possível traçar um paralelo entre esse estudo dos fenômenos e a ideia da artista Lygia Clark (1965 apud DERDYCK. 2012, p.25) quando diz que o instante do ato criador “não é renovável. Ele existe por si próprio (...) Só o instante do ato é a única realidade viva em nós mesmos”.

No percurso-território/habitação-curso dialogávamos de igual para igual, sendo professores-pesquisadores de Artes Visuais e estávamos, em maioria, no ambiente já pertencente ao nosso fazer-estar diário: a escola. Por mais diversas que estas fossem, tudo nos aproximava naturalmente àquele universo-casa. Por sua vez, os moradores dessa casa foram os companheiros de turma, aquelas pessoas que dividiram todos os momentos, curiosidades, problemas e expectativas ao longo dos finais de semana do ano de 2019.

Imagem 5 – Ciranda



Fonte: A autora, 2021.

Não importa a casa a ser construída, todas precisam de uma base consolidada para que sejam firmes e ofereçam segurança aos moradores. Tijolinho a tijolinho, o projeto ganha corpo, as paredes ganham forma e a estrutura começa a ser vista de maneira concreta. Obra finalizada. Quem disse?! É preciso cores, suas nuances, adornos, moradores, vivências... ser-estar-transitar-modificar-acrescentar-refazer. Ciclo infinito nutrido pelos seus habitantes.

É de fundamental importância criar oportunidades de encontro e formações com nossos pares, uma vez que o trabalho de professoras e professores das artes em geral costuma ser solitário dentro da escola - digo isso partindo da minha vivência. Sou professora de Artes Visuais na rede municipal do Rio de Janeiro há oito anos e trabalho com carga horária de quarenta horas semanais no segmento do Ensino Fundamental I, lecionando para turmas do 1º ao 5º Ano. Essa realidade não é só minha. Em todos esses anos participei apenas de uma formação com professores de Artes Cênicas e Música. Normalmente, as escolas dispõem de apenas um arte-educador por turma, limitando as possibilidades de conhecimento e diálogo entre os campos. Um arte-educador abraça, na maioria dos casos, todas as turmas da unidade de ensino, distribuídas no espaço-tempo semanal de cinquenta minutos, para que então todas as séries sejam contempladas e tenham direito à aula de artes. Na escola onde leciono me divido entre vinte e duas turmas. Diante desta sobrecarga absurda, sou privada do tempo precioso de pesquisa, para possibilitar aos alunos novas formas de criação/invenção, de espaço e diálogo com outros (as) professores (as) das linguagens artísticas.

Imagem 6 - Quadro de horários

	TERÇA	QUARTA	QUINTA	
7h30 - 8h30	1101	CE	1402	20
8h30 - 9h40	1102	CE	1502	
9h40 - 10h	1105	1301	1401	
10h - 10h50	1201	CE	1501	
10h50 - 11h30	1202	1302	CE	
11h30 - 12h	ALMOÇO - Planejamento			
12h30 - 13h	ALMOÇO			14
13h - 13h50	1204	1304	1503	
13h50 - 14h40	1104	1305	1403	
14h40 - 15h30	1203	CE	1404	
15h30 - 16h20	1303	1103	1504	
16h20 - 17h	CE	CE	CE	
17h - 17h30	Planejamento			
7h30 - 8h	Planejamento			SEXTA
8h - 8h40	CE	13h - 13h50	1402	
8h40 - 9h30	1101	13h50 - 14h40	1103	
9h30 - 10h20	1401	14h40 - 15h30	1104	
10h20 - 11h10	1102	15h30 - 16h20	1202	
11h10 - 12h	1201	16h20 - 17h	CE	
12h - 13h	Almoço 2 Planej.			17h - 17h30
			Planejamento	

Fonte: A autora, 2021.

Ao vivenciar a Especialização Saberes e Fazeres no Ensino das Artes Visuais do Colégio Pedro II pude recarregar minha essência artística tal como retornasse ao espaço de reconhecimento e pertencimento que muitas vezes a casa nos possibilita, aconchego e embalo.

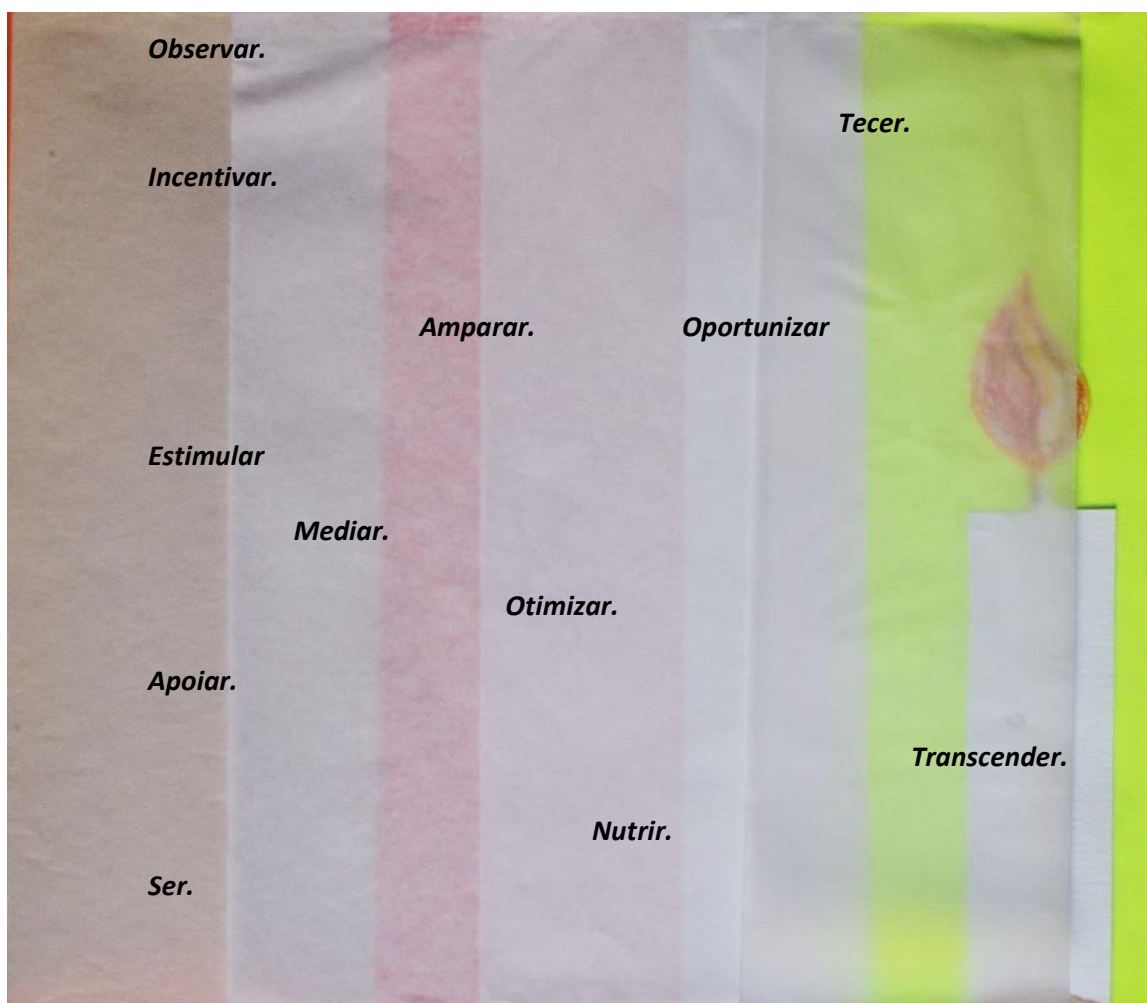
Acolhimento que fez conscientizar-me, enquanto professora, como uma semeadora a espalhar em território a ser fertilizado suas sementes, mapeando meu próprio fazer num processo criativo nutridor, em intenção de possibilitar florescer com minha prática outras flores, de cores, aromas e formas também inquietas, transformadoras, questionadoras e ativas. Professora-curadora sabendo a responsabilidade de mediar a melhor experiência possível aos seus estudantes. Atenta aos recortes a oferecer e o caminho a propor.

Imagem 7 - Colagem Florescer



Fonte: A autora, 2021.

Pensar-fazer cotidiano docente, transitar entre pontos, linhas, texturas, camadas, transparências... Desfazer e refazer conexões. Transpor limites. Desconstruir padrões. Criar possibilidades. Proporcionar experiências. Dialogar entre conflitos.

Imagem 8 - Infinitivo Ser

Fonte: A autora, 2021.

3.1 Cartografar possibilidades

Ao fazermos uso de um mapa, além das informações já fornecidas, lidamos com o meio físico e real ali representados através de um conjunto de linhas. Lidamos com as intempéries que surgem durante o transcurso, o ritmo que fornecemos durante a caminhada, a infinidade de interpretações diante a escrita visual e escolhas feitas. O mapa, em si, transcende o papel de objeto e passa a fazer parte do que está sendo proposto-conquistado-decifrado. Cabe ressaltar que toda essa leitura é feita através de um conjunto de sentidos que dependem da pessoa que está ali por um momento, bem como todas as outras que compartilharão desta oportunidade e/ou influenciarão a qualidade do processo.

A cartografia como método de pesquisa não anula regras ou informaliza maneiras de escrita, mas, segundo os professores pesquisadores, Barros e Passos (2009, p.17),

participantes da elaboração das pistas cartográficas, “reverte o sentido tradicional de método”. Onde você não caminha com o objetivo de alcançar metas pré-estabelecidas, mas que traça ao longo do seu percurso próprio as suas metas. Então lidamos com o processo e a experiência adquirida e proporcionada durante esse ato, que por sua vez não deixa de ser contínuo, mas não necessariamente linear, e se encontra no presente vivenciado passo a passo da trilha sendo construída. Os autores ainda refletem acerca dessa experiência que transmuta de saber-fazer para o fazer-saber de maneira que o saber provém do modo como o pesquisador age e conseqüentemente experiencia tal processo. Nesse contexto de reflexões já lidamos com outros dois espaços temporais e poéticos interligados ao processo-presente ressaltado acima: um passado e o futuro vindouro.

Imagem 9 - Espelho, espelho meu.



Olhar no espelho e se (re)ver no/com o outro, sendo o que se é.

Espelho: reflexo, janela e abraço.

Múltiplos. Uno.

Ser parte. Querer estar. Reconhecer. Valorizar. EXPERIENCIAR.

Mesma língua. Outros Choros.

Rir. Sentir. Agradecer

Observar. Identificar. Somar. Crescer.

Saberes e Fazeres no Ensino das Artes Visuais que percorre e desperta fazer/saber em meu processo, que por sua vez proporciona saber/fazer durante a expansão do caderno de artista e que então reflete na prática desta escrita formal, defendendo a linguagem artística como meio de apresentação de um saber consolidado/consolidando, isto é, em construção permanente. Caminho traçado durante o processo experienciado e construído ao longo da minha *cartografia*, compartilhada com os habitantes, professores-estudantes-professores do (per)Curso-Casa.

A sensação de estar em um ambiente só nosso e ao mesmo tempo tão abrangente todos os sábados transvertia o que deveria ser um curto espaço de contato, diante a grande jornada da semana, numa fenda do tempo e o momento se tornava leve, acolhedor, fraterno, de conexão entre muitas ideias e compartilhar de fazeres, vivências e poéticas.

Imagem 10 - Eu museu



Larrosa (2002, p. 21-26) tece seu estudo acerca da experiência, onde ressalta dois aspectos que dialogam diretamente com a qualidade de situação vivenciada através dessas fendas no tempo-espaço, quase encantamento, proporcionadas durante o ano de 2019. O primeiro de que ela, a experiência, seria aquilo que nos passa, aquilo que nos acontece e toca. Não o que se acontece ou se passa, mas algo maior... o que permanece, nos marca, nos atenta, nos forma e transforma, atualmente algo tão raro - inusitado perante a qualidade que investimos em momentos. Diante a correria do dia a dia, vivemos superficialmente ou, tomando a liberdade de expressão criadora, transbordando informações a ponto de não conseguir ou não querer absorver nada mais além do que já carregamos. Assim, contribuímos para que sejamos tão cheios e tão vazios ao mesmo tempo.

Somando ao primeiro apontamento de Larrosa acerca da experiência, a professora, escritora e crítica de arte Camille Paglia (2014, p.17), destaca: “a vida moderna é um mar de imagens. Os nossos olhos são inundados por figuras reluzentes e blocos de texto explodindo sobre nós por todos os lados. (...) Como sobreviver nesta era da vertigem? Precisamos reaprender a ver”.

Imagem 11 - Arte Todo Dia



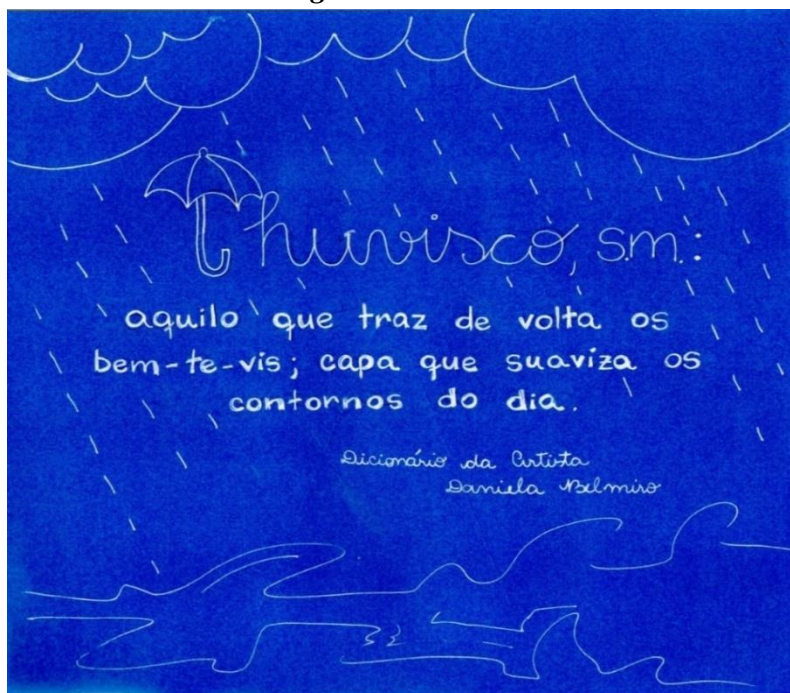
Fonte: A autora, 2021.

Hoje a vida acontece em meio a poluição em diversos aspectos: seja de informações, estímulos visuais, produção excessiva de conteúdos ao consumo passivo de vivências e congestionamento de informações. Para que possamos reaprender a ver e para

que possamos dizer que a experiência nos acrescentou e transformou, Larrosa (2002, p. 24) alerta para a necessidade de uma outra atitude inusual, um gesto de interrupção para que então possamos “cultivar a arte do encontro”, dando-nos tempo e espaço na lida da vida diante tantos afazeres e responsabilidades. Foi exatamente o que aconteceu ao longo do Curso, em nosso trilhar pela casa dos saberes e fazeres - nossa oportunidade de pausa na semana para encontros, inspiração e renutrição. Não posso estender essa sensação a todos os moradores desta casa-pós, mas para mim foi uma nova forma de ver-me, observar-me. Não mais de modo automático, mas desperta, ativa, alegre, atenta aos detalhes.

Bondía (2002, p. 25) diz ainda que “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.” Não é possível uma blindagem diante toda a carga excessiva de ideias e estímulos aos quais estamos expostos, mas sim um controle e filtro para que dialoguemos com equilíbrio e capacidade de escolha. Para estar nesta casa, era preciso abrir-se para novas possibilidades, percepções e olhares. Era necessário abraçar e ser abraçado através daquilo que almejava e/ou discernia como qualidade, necessidade de partilha sensível, de sonhos, experiências e caminhos.

Imagem 12 – Chuvisco



Para que o chuvisco ocorra, EN VOL VA-SE

Fonte: A autora, 2021.

Simas e Rufino (2020 p. 3-4), professores-pesquisadores, autores de títulos em parceria, citam o ato de encantar como aquele que “cria outros sentidos para o mundo” e também, que a palavra encantado se identifica “como aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza”. É isso que interpreto e anseio ao me deparar com a expressão “superfície extensiva”: é na verdade, um mergulho ao encantamento. Algo que te faz inicialmente parar para então observar, reconhecer e ir em busca do que te alimenta e sustenta.

4 A BAGAGEM E A VIAGEM

A princípio, este caderno seria uma proposta a ser construída ao longo do curso e faria parte de uma das avaliações do quadro de disciplinas, mas desenvolvi por ele, ou melhor, através dele um interesse maior ao fazer artístico. Foi necessária a oferta de tal responsabilidade para que me despertasse uma vontade adormecida e até esquecida, o meu fazer como artista. Digo isso por estar envolvida completamente com os fazeres do meu ambiente profissional gerando aulas, preenchendo papéis, tentando possibilidades com as crianças durante as práticas na escola e atentando para a cartela infinita de viabilidades dentro deste fazer, mas esquecendo de desenvolver essa realização, enquanto criação individual. Hoje observo a ação tomada num pretérito próximo, tal como um organismo fornece energia para o corpo, mas quando a fonte de nutrição que é a combinação de alimentos, vitaminas e sais minerais se extingue, esse organismo sobrecarrega e influencia o funcionamento adequado de toda a maquinaria biológica. Pensando no fazer-ser-experenciar e na escassez de meios de sustento, como sobreviver com qualidade? E como alimentar a prática na escola sem ter o que oferecer? Dessa forma, debruicei à essa práxis de maneira intensa e hoje a pesquisa, defendo e dou prosseguimento a essa ação. Um encanto que foi oportunizado e que observei, optei, escavei espaço, me permiti despertar para tal.

Imagem 13 - Nutrir-se



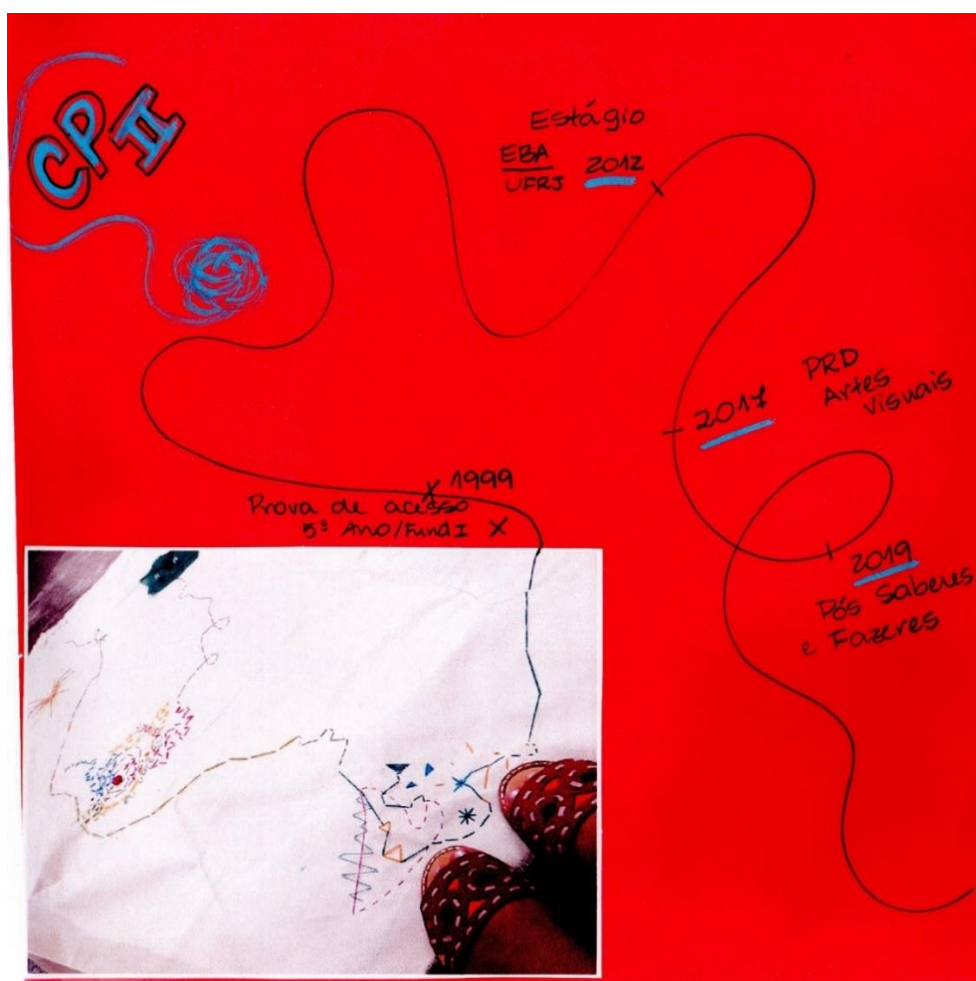
“A gente é o que come”.

O que permitimos que nos nutra? Somos de fato o que comemos ou comemos de acordo com o que somos? Simbiose de relações e trocas, opções e ofertas, sentimentos e interesses, mas acima de tudo ESCOLHAS e ENTREGA.

Fonte: A autora, 2021.

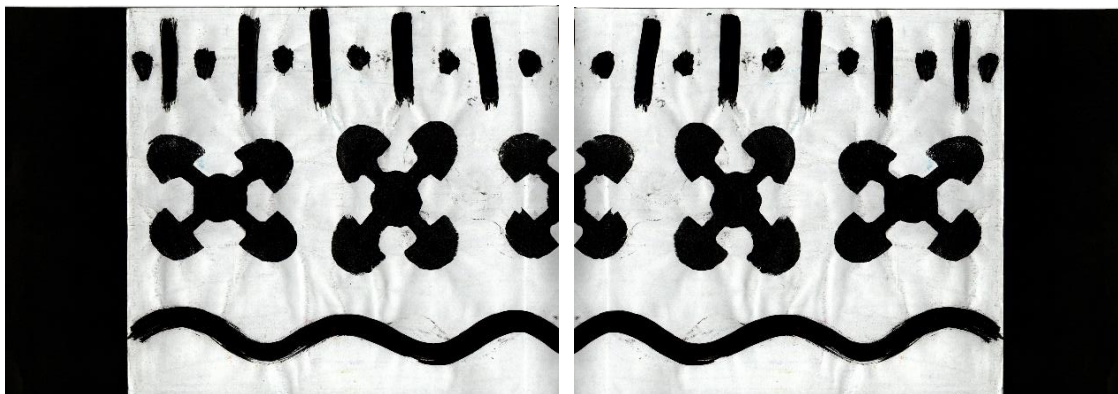
O caderno de artista é então uma superfície extensiva, a partir do momento que passa a partilhar esse abrigo através da poética de suas folhas-aladas (Derdyk. 2013, p.14), dos momentos experienciados e agora inventariados atravessadamente nas páginas do fazer da artista na presente criação. Esta prática foi sugerida a ser alimentada ao final de cada encontro ou entre seus intervalos semanais. Tivemos ampla liberdade para escolha de formato, utilização de materiais, temática a ser desenvolvida, confecção artesanal/industrial e também digital/virtual, suas visualidades, técnicas empregadas, suporte escolhido e meio de apresentação final. Ao mesmo tempo em que cada produção apresentada teve origem num ponto de partida comum, compartilhado com toda a turma e construído dentro desse período coletivo, suas facetas atingiram nuances distintas tal como sujeitos únicos e ricos em possibilidades.

Imagem 14 - Tecendo a Vida



*Linha do tempo, mapa-novelo-percurso.
História, bagagem, encantar encantando-se.*

Imagem 15 - Adinkra I

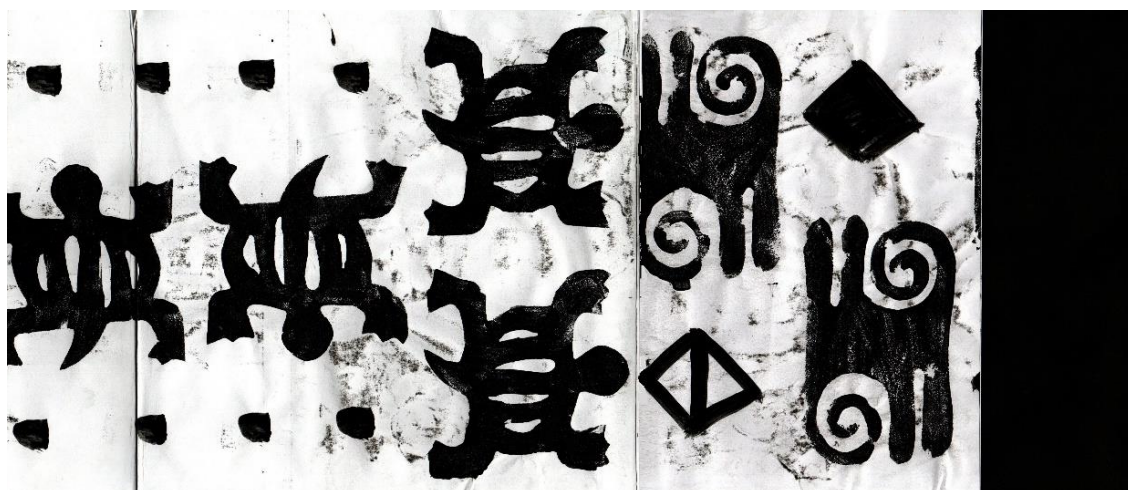


Páginas extensivas, que não terminam quando acabam. Desdobram-se em abas, combinações, padronagens e composições. Caminham entre significados, estampando tecidos, narrativas e conjunturas.

Desdobram em páginas físicas, poéticas, artísticas e com narrativas.

Fonte: A autora, 2021

Imagem 16 - Adinkra II



Fonte: A autora, 2021

Entre voos e alicerces poéticos nas páginas-abrigo, deste fazer-experienciar-criar propiciado mediante a prática do livro de artista, optei por trabalhar com recortes e fragmentos das vivências durante todo o curso. O espaço lírico e físico da sala que habitamos, na verdade se constituiu de muitos lugares e momentos. Tudo contribuiu para criar e por vezes, registrar essas paisagens de memória, sentidos e sutilezas. Utilizei a técnica mista através de desenhos, pinturas, escritas e fotografias tendo a colagem forte

presença nesse processo. Inclusive na estrutura de encadernação que foi imaginada do zero e depois construída página a página. Durante o presente trabalho de escrita formal, dei continuidade à criação desse pequeno-gigante caderno de artista uma vez que o desdobrei em mais uma vertente e então recomecei a explorá-lo, agora somando outro desenho e técnica de recorte: a escrita informal. Através da composição de narrativas escritas que dialogam com a visualidade composta ao longo das páginas e reflexões que eu visitava, uma nova nuance da artista se fez emergir. Penso agora em criar escrita da imagem, processo em (re)início, em (re)construção.

Em diferentes momentos o caderno de artista fora como um diário de bordo, com registros de disciplinas e recortes de instantes vividos. Em outros, assumiu o papel de um relicário, a guardar tesouros como num cofre poético. Páginas linhas a tecer uma trama artística que cruza conexões e compõe diálogos. Um godê a possibilitar combinações entre cores diversas diante da necessidade e desejo da artista. Imagens-palavra e palavras-imagem a provocar reflexões e despertar questionamentos. Um fazer individual, que parte da troca com o coletivo, suscitando o convite “para caminhar nessa paisagem feita de campos de cultivo híbridos, sugerindo o convívio das diferenças”. (Derdyk, 2013, p.12).

Imagem 17 - Texturas



Fonte: A autora, 2021.

Impressões, registros, padrões, interpretações, assemblagens e interferências. Fazer e refazer contínuos, contrastantes, flexíveis, combináveis e que dialogam com

tudo e todos. Um detalhe de nosso fazer, que gera múltiplos caminhos e que por sua vez combinando com outros, se reinventa em novas possibilidades.

4.1 Re-descobrir

O ato criador para esse forjar-expansão de artista, surge a partir de uma prática habitual em meu fazer como professora: a observação e o coletar do mundo por meio da simplicidade e, ao mesmo tempo, a grandeza do transcurso em seu processo de criação. Faço-a através da fotografia como um registro de recortes e memórias, tal como o clicar-piscar dos olhos frente às visualidades e instantes do feito criativo e criador. Tenho muitos registros de mãos traçando, apontando, pintando, montando, coletando e transcrevendo o que antes era abstrato em forma de pensamento e ideia, em algo que agora se faz concreto. Um portfólio de processos. Dessa forma Derdyk (2012, p.26) diz “Protagonista de uma trama que existe porque existe um corpo presente e atuante, o ato criador faz de si mesmo um outro fazer fazendo do fazer um outro ser”.

Palmeei (estou palmeando) o ato criador, adormecido desde as aulas práticas na Escola de Belas Artes/UFRJ - quando então cursei Licenciatura em Artes Visuais, de 2008 a 2013 – inicialmente com insegurança, uma vez que não estava mais habituada a esse exercício de sujeito agente e não mais mediador. Curioso observar o oposto quando incentivo minhas crianças na escola a se proporem a esse risco, lidando com desafios, novidades e erros, mas quando me vi como a autora dessa criação, até embarcar nesse processo e interpretá-lo como algo natural, precisei de um certo tempo de adaptação. Dessa forma constatei efetivamente o que a autora defende como “um outro fazer do ato criador” sendo que agora eu seria este outro (eu sou esta outra), colocando a mim mesma a condição de originar outras possibilidades. Despertando, elaborando e tecendo novas tramas de fazeres.

Recordo o desejo que eu e muitos amigos de turma/processo tivemos no decorrer do ano de 2019, quando então habitávamos presencialmente a Especialização *Saberes e Fazeres*, em poder defender o caderno de artista como um possível trabalho de conclusão desse caminhar. Importante e interessante frisar o “habitar presencial” porque muito mudou até aqui. Passamos e ainda convivemos com uma crise pandêmica frente o avanço do vírus da Covid-19 e suas cepas, impossibilitando que a segunda turma usufrísse dos abraços, dos encontros, das experiências, dos cafés, das risadas e aulas que tivemos a

oportunidade de saborear. Perdemos familiares, conhecidos, amigos e nossa liberdade de estar onde quisermos sem o risco de contaminação e sem o medo que nos cerca diariamente.

Esse processo mexeu com nossas vidas, com nosso emocional e nos distanciou, cada qual em seu universo íntimo, impossibilitados do contato físico e qualquer troca que não fosse em meio virtual. Praticamos o isolamento social por um longo período e aos poucos novas diretrizes estão sendo compartilhadas e readaptadas. Processo... Experiência... Vivenciar e reaprender diário. Durante esse período foram propostas novas possibilidades para o trabalho de conclusão e reafirmei por defender o *Caderno de Artista*, uma vez que nos acompanhou ao longo de todo o trajeto desse curso de especialização.

Imagem 18 - Ansiedade



O mal tem origem? Tem época? Tem escolha? Mal, mas qual?

Fonte: A autora, 2021.

Com a chegada de toda a situação inimaginável que passamos, a escrita e consequentemente o desenvolvimento do trabalho final foram vencidos pela insegurança e incertezas em que estávamos imersos. O ato criador adormeceu, mas não foi perdido e, após o meu reequilíbrio, ressurgiu fazendo com que todo o encantamento potencializasse porque

O corpo cria um pensamento, o corpo cria uma ação, o corpo vive os ritmos, as (des)continuidades, as intensidades, as disjunções, as alternâncias. O pensamento borbulha no corpo, o corpo contrai com o pensamento, o pensamento gera um movimento, o movimento do corpo provoca as matérias do mundo. (DERDYK. 2012, p.17)

Imagem 19 - Brasilidades

Fonte: A autora, 2021

Quando limites cercam, padronizam, limitam, empobrecem, reprimem, educam, condicionam, mas a natureza latente e brincante de cada ser extrapola tudo isso, a ação criadora impele inventar, subverter, fortalecer. tecer novas histórias que formarão nossa cultura e as identidades sempre transitórias, sempre em relação com o redor.

5 O REORGANIZAR DE NOVOS PROCESSOS

Com a prática do caderno que hoje defendo me reinvento como Professora-Artista. Posso afiançar as palavras de Derdyk (2012, p.25) ao dizer que “a experiência nascida do ato criador é única: matriz instauradora de um lugar e de um tempo, atualizados numa forma feita”.

Não existe uma definição específica para esse fazer, justamente por estar em completa e frequente modificação. Altera-se a estrutura, o suporte, a montagem, o desfolhar de suas páginas, o conteúdo e dessa forma não há como limitar, demarcar significado comum ou dar contorno a algo de âmago tão fluido e poético. Mas diferenciá-lo dos livros tradicionais, isso é algo mais do que possível. Diria até palpável, uma vez que não obedece à ordem dos livros “funcionais”, os quais se refere como um “contêiner ausente de si, cuja forma e materialidade estão ali para agarrar, fixar ou preservar memórias(...) e imaginários”. (DERDYK, 2013, p 12-13). Algo fixo, de estrutura segura e padronizada para armazenar conteúdos independente de suas proporções, suportes e possibilidades.

O livro de artista é único. As relações que estabeleci durante todo o transcurso de criação e agora escrita, serão completamente diferentes se questionarmos outros amigos de turma. Ao mesmo tempo que construí conhecimento acerca deste, lembrei e reafirmei minha capacidade perante o ato criador que há tanto havia se acomodado em meu fazer como professora, passando por ele sem instigá-lo, desafiá-lo ou estimulá-lo fora dos meus fazeres e responsabilidades pedagógicas. Sou grata a todo o corpo docente que escolheu e priorizou essa ideia como um dos fazeres dentro do curso de especialização. Finalizo esse momento revigorada e convicta da minha capacidade como professora-pesquisadora-artista. E busco através desse trabalho incentivar novos artistas múltiplos a darem o passo inicial a essa proposta enriquecedora.

Ao pensar em novos artistas, falo também dos meus alunos! Agora beberão de fonte nutrida e impulsionada por novas práticas e perspectivas. O caderno de artista reacendeu caminhos adormecidos, que agora tendem a se manter presentes na trajetória da professora-artista-pesquisadora que sou, incentivando pequenos e grandes artistas nas escolas onde leciono. Novas possibilidades, suportes e propostas saltam em minha mente

conectando ideias, oportunidades e alinhavando saberes-fazeres. Que venham novos cadernos!

Imagem 20 - Voo



Passarada em revoadas ensurdece ventanias

Fonte: A autora, 2021.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Coleção Os Pensadores. Abril Cultural, 1978.

BARROS, Regina Bevenides. PASSOS, Eduardo. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: ESCÓSSIA, Liliana. KASTRUP, Virgínia. PASSOS, Eduardo. (Orgs.). **Pistas do método cartográfico: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

BASCHIROTTI, Viviane. **Livro de artista: palavra-imagem-objeto**. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 6, n. 11, ano 6, julho de 2016.

CINTRA, Raissa Helena Rodrigues. OLIVEIRA, Rayssa Roman Feury de. **Ateliê no cotidiano: convite, convívio, continuidade**. São Paulo, 2020.

DERDYK, Edith (Org.). **Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

_____. **Linha de Horizonte: por uma poética do ato criador**. 2º ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

_____. **Livro de Artista e suas extensões gramaticais**. Casa Amarela. S/data. Disponível em: <<https://acasatombada.com.br/saberes-da-casa-livro-de-artista-e-suas-extensoes-gramaticais-por-edith-derdyk/>>, Acesso em: 9 dez. 2020.

ESCÓSSIA, Liliana. KASTRUP, Virgínia. PASSOS, Eduardo. (Orgs.). **Pistas do método cartográfico: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FELTRE, Camila. **Experiências com livros que exploram a sua materialidade: mediações e leituras possíveis**. São Paulo, 2015.

KASTRUP, Virgínia. PASSOS, Eduardo. **Cartografar é traçar um plano comum**. Rev. Psicol. v25, n.2, Ago, 2013.

LARROSA, Jorge. **O Ensaio e a Escrita Acadêmica**. Educação & Realidade v28., n.2, p.101-115, jul/dez, 2003.

_____. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Bras. Educ. (n.19), Abr 2002.

Metrópolis: ateliê Edith Derdyk. Tv Cultura. Disponível em: <https://tvcultura.com.br/videos/54994_metropolis-atelie-edith-derdyk.html>, Acesso em: 9 dez. 2020.

PAGLIA, Camille. **Imagens cintilantes: uma viagem através da arte desde o Egito a Star Wars**. Tradução Roberto Leal Ferreira. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **A Cognição Imaginativa como projeto de formação do professor@artista**. Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 96 - 104, novembro, 2013.

SIMAS, Luiz Antonio. RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. E-book, 20p. Disponível em: Kindle Cloud Reader (amazon.com.br), Acesso em: 21 out. 2020.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **A fenomenologia da imaginação na “Poética do Espaço” de Gaston Bachelard**. Ver. Educere et Educare, v. 8, n. 16, p. 329-341, jul./dez., 2013

APENDICE A – LINKS PARA ACESSO AO CADERNO DE ARTISTA

Os links abaixo estão disponibilizados para que os leitores da versão impressa deste trabalho de conclusão tenham acesso ao Caderno de Artista. Para aqueles que o fizerem através da versão digital, serão encaminhados através de *hiperlink*, diretamente na introdução, para os mesmos endereços.

Link que direcionará para o Caderno de Artista digitalizado em arquivo PDF:
<https://drive.google.com/file/d/1ibiUCX6gPngdI34TEKKsGW1Wfjyw3aGT/view>

Link que direcionará para o vídeo do Caderno de Artista:
<https://drive.google.com/file/d/1P7fIKov1mdule2Yf5ocTuOiF9BG0OI9l/view?usp=sharing>